

Samuel Duarte

Uma das mais recorrentes interpretações da Revolução de 30 é a da subordinação à classe média. Pouco importa tratar-se de classe média ascendente, como o deseja Hélió Jaguaribe, para quem a fracassada tentativa classe média do início da República, com o florianismo, terminou cristalizada 38 anos depois, ou dos estratos intermediários descendentes, tal como pretendido por Raymundo Faoro. Para este a primazia de segmentos desse último tipo viu-se assimilada pelo integralismo.

Intentando esclarecer as origens sociais de 30, que tanto têm dividido os especialistas - a julgar pela multiplicidade de explicações anotadas por Natanael Sarmiento (1988, p. 36-74) -, o cientista político paraibano Eduardo Raposo procurou interpretação mais eclética. Para o autor de 1930: seis versões e uma revolução (2006), a chamada Revolução de 30 significou a afirmação de amplo segmento que buscava bitola política fora dos quadros de ferro das oligarquias da República Velha.

Datou daí a heterogeneidade do movimento porque, além da emergente classe média das cidades, havia a considerar a participação de frações dissidentes da oligarquia (Epitácio Pessoa, Borges de Medeiros, Olegário Maciel, Assis Brasil e Francisco Morato com o PD paulista); Frente Única gaúcha repartida entre maragatos e positivistas do Bloco Castilhistas (Batista Luzardo, Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura); jovens liberais oposicionistas (Oswaldo Aranha, Virgílio de Melo Franco, Cristiano Machado, José Américo de Almeida); militares de patente intermediária até tenente-coronel (Goés Monteiro, Juarez Távora, Cordeiro de Farias, Eduardo Gomes, Juracy Magalhães, Miguel Costa, como coronel da Força Pública paulista, Hercolino Cascardo, os irmãos Lourenço e Felipe Moreira Lima, Mendonça Lima, o capixaba Punaro Bley); escritores e profissionais liberais sugestionados pela questão operária e de reordenação do Estado (Lindolfo Collor, Francisco de Campos, Café Filho, Agamenon

Magalhães, Joaquim Pimenta, Pedro Ernesto Batista, Abguar Bastos); industriais como Jorge Street, Carlos e Caio de Lima Cavalcante, os Prados de São Paulo; e lideranças operárias como Agripino Nazareth, Carlos Cavaco, Maurício de Lacerda, João Santa Cruz de Oliveira e Cristiano Cordeiro (MELLO, 1992, p. 84 e 154).

Referência

MELLO, José Octávio de Arruda. **Samuel Duarte**. Brasília: Centro de Documentação e Informação; Edições Câmara, 2014. 350 p. (Perfis Parlamentares, 70) ISBN: 9788573659696.